

Preâmbulo

Disponibilizámos um protótipo de “À Margem q.b.”, para reforçar a ideia do que a revista almeja ser. Pensamos que a sua consulta poderá criar uma expectativa realista sobre o projeto.

Esta edição foi publicada em maio e foram distribuídos exemplares físicos em número reduzido; alguns estiveram espalhados pela faculdade.

Embora os textos nela encontrados tenham um pendor maioritariamente cultural, nas próximas edições esperamos diversificar os assuntos apresentados. Encorajamos a submissão de textos que achem interessantes, que tenham gostado de escrever, que queiram partilhar - independentemente do seu cariz ou da sua forma.

Boa leitura.

Protótipo //
Maio //
Mensal //
Por Nós Para Nós //



À Margem q. b.

Reflexões oportunas
Discretas ou turbulentas

Crônicas humorísticas
Sobre caixas invisíveis

Música e literatura
Apreciações e opiniões

Retângulos...
De onde vêm tantos?



Índice

02. O Apartheid da Porcelana
02. Arrombar 03. Tonel de Fôlego
04. Um homem não chora 05. Poema dos Esquecidos
05. Pique 07. Pontos de Fuga 07. Sonhador Alienado
08. Ensinem-me a fazer uma revista!

Redação

Afonso Martins Cristiano Barata
Fausto Nunes Francisco Guerreiro da Silva José Costa
Matilde Capote Tiago Caldinhas

Tu e a Revista

Esta revista pertence-te!
Tens algo que gostasses de publicar, anunciar ou exprimir? Seja bola, literatura, cinema, tipos de chá ou a tua potência preferida para candeeiros de estudo, tens aqui um espaço para partilhares o que pensas! Envia a tua aventura pelo Serrado, um retrato da tua terrinha, uma crónica da viagem que fizeste nas férias... O que achares bem! Recebê-la-emos na nossa caixa de correio eletrónico, de endereço:
amargemqb@gmail.com.

O Apartheid da Porcelana

Por Cristiano Barata

Admito que sou um ávido frequentador das casas de banho do Convívio em noites de Churrasco. Assim, posso dizer com certeza que conheço os muitos cantos do espaço. Cada poema, cada carácter do número de telefone do Francisco que é solteiro e está disponível para umas aventuras, que foi escrito pelo amigo João, e até as cabines que malandramente se mostram fechadas quando no seu interior apenas um trono as ocupa. Mas há uma característica extrínseca a este habitat de bactérias que sempre me surpreendeu. Neste local já vi sorrisos, lágrimas, pedidos de namoro, traições, contudo em momento algum vi dois homens colocados lado a lado nos urinóis.

Esta lei silenciosa que em momento algum nos é incutida, nasce connosco, resiste às amarras da evolução e mostra-se mais forte que o princípio da lealdade. Será esta apenas mais uma demonstração da masculinidade frágil que nos assombra desde os tempos mais antigos? Não se deixem enganar, eu próprio sigo à risca esta diretriz até mesmo retirando-me para uma cabine quando a timidez assim o exige.

Os Rebeldes. Os que ignoram a lei. Os que pedem o café com cheirinho. Os que ignoram a

sociedade e se plantam ao nosso lado quando claramente há opções. Quem os privou de amor de tal modo que o único conforto que sentem é saber que a irrigação do lado é tão fluída como a deles?

Já vivi o terror de uma casa de banho lotada onde não havia outra opção senão alinhar lado a lado com os camaradas, como soldados numa trincheira. O clima era mais cortante que uma folha de papel do livro de português do sexto ano. Ninguém olhava para ninguém. O objetivo era um e um apenas: eficiência. Olhar em frente. Executar a missão. Bater em retirada. Porém, há sempre os gerais que insistem em relatar detalhes desnecessários da missão, deixando constrangidos os que apenas tentam cumprir o objetivo e assegurar o Delta.

E assim seguimos então, prisioneiros de um código de ética silencioso, defensores de uma redoma de proteção que ninguém ousa questionar. Talvez, um dia, alguém fora da caixa consiga desafiar o *status quo* e reescrever o que nunca foi escrito...

Cristiano Barata

Achas-te mais reinadio do que o Cristiano? Parece-me difícil... Mas sou apenas uma caixa de texto numa revista com visibilidade muito reduzida, e de qualquer forma não é proveitoso compararem-se qualidades. Pretendo apenas incentivar-te a enviar o teu texto para amargemqb@gmail.com. E não te preocupes, responder a este incitamento não faz de ti uma pessoa dentro da caixa.

A r r o m b a r

Por José Costa

1. Há um bife para cortar. E também há uma faca. A faca é ótima. Adequada ao homem e ao bife. Corta tudo.

2. O homem corta o bife como lhe parece melhor. Como lhe é mais confortável. E a lâmina desliza pelos tecidos com destreza. E corta tudo.

3. O homem pode não reparar que o bife tem veios. E nervos e gorduras. Camadas e orientações. Porque tem muitas coisas, um bife. Demais, para serem enumeradas e para eu já as ter percebido na totalidade. Mas que à luz daquele corte não têm relevo significativo, ou não existem.

4. Os recursos técnicos no cinema estão mais apurados. Evoluíram no passo do tempo e a par da inovação tecnológica global. Replicar uma cena de hoje no passado seria um exercício interessante. A dificuldade poderia ser brutal. A realização mais complexa.

5. Há um mesmo bife para cortar. Mas o homem tem apenas disponível uma faca ruim. Talvez romba. Corta a custo.

Agora o homem corta o bife como parecer melhor ao bife. Como lhe tiver sido impresso que tem de ser cortado. A

decisão não está no homem. Porque, de outra forma, este não corta efetiva ou virtualmente nada. Talvez conheça o bife no caminho. A decisão não está no homem.

6. Uma experiência: um macaco numa sala diante de um bife, uma faca boa e uma faca má (o bife pode ou não estar num prato). O macaco pega no bife e põe-no na boca. Rasgará, não cortará. As mãos puxam para um lado e a cabeça para o outro. Abanões violentos. Que funcionam melhor em certas direções e combinações. Os sucos na cara. Animais.

7. O homem ainda tem essa opção.

8. Para o homem ciente, o diálogo homem-faca-bife será sempre tido numa mesma linguagem, para qualquer uma das possibilidades. É delas independente.

Poder-se-á afirmar, talvez, que desta forma o homem fez da ação um gesto pleno e livre. E é, então, verdadeiramente responsabilizável.

9. Por que se age? Como é cortado o que se corta? É-se responsável? O que é Ciência?

10. Pausa.

11. O homem corta o bife. Nutre-se. Abandona a sala de comer. Vive mais um pouco. Pode ou não ir ver um filme.

José Costa

Tonel de Fôlego

Por Tiago Caldinhas

Contém um excerto adaptado da entrevista de Alicia Atout ao fundador dos Low Roar.

Ryan Karazija morreu a 27 de outubro de 2022 devido a complicações derivadas de uma pneumonia. Oito anos antes, os Low Roar lançavam o seu segundo disco: "0". A banda originária de Reiquiavique fez desde o seu começo arte que remete aos seus arredores, e este projeto não foi exceção. Colossais e desoladas paisagens de rocha e musgo justapostas a cidades, vilas e aldeias onde se veem casas com detalhes saturados e pessoas com retalhos amarrados ouvem-se logo a partir do primeiro tema, chamado "Breath In", onde a banda nos apresenta de uma forma lenta mas intensa esta parede de gelo que vão pintar com cores quentes, sem deixar nenhum espaço em branco. Ao longo do álbum estes tons quentes traduzem-se em músicas tão sonoramente preenchidas que começam por aquecer e acabam por sufocar, especialmente acompanhados pelos vocais, tão intensos que me fazem pensar que o vocalista está preso do lado oposto da camada de gelo, teoria que é suportada pela letra. É um conjunto esmagador pela complexidade com que se expõe, é tamanha a sofisticação que nos faz sentir minúsculos.

Claustrofobia é o medo de estar

em espaços fechados, como elevadores ou salas trancadas.

Hideo Kojima visitou a Islândia para, pelo que nos foi dito, prospetar a localização. Durante a visita, foi levado, depois de ouvir uma música na rádio, a comprar um álbum recém-lançado de uma banda local. Cinco anos depois foi lançado o videogame "Death Stranding". A história do jogo decorre numa versão alternativa do nosso planeta, onde quase toda a fauna e flora foram consumidas, deixando colossais e desoladas paisagens de rocha e musgo, por onde podemos andar quilómetros sem encontrar sinal de vida, o que é algo que acontece constantemente graças à natureza da jogabilidade. Desbravar tais terrenos é uma tarefa de resiliência, tanto se escalam e escorregam íngremes inclinações, com quedas que com sorte são amparadas por pedra rija e não pedra aguçada, como se percorrem enormes vales, que embora planos, não se livram de pregar rasteiras. Em conjunto com a fenomenal direção visual, o jogo cria um ambiente opressivo que nem em momentos de calma se apazigua. Quando caminhamos sobre terra segura, a câmara afasta-se cinematicamente do personagem que controlamos, acentuando a sua reduzida dimensão comparado a este mundo, e começa a tocar uma das músicas dos Low Roar escolhidas para figurar na trilha sonora, tão adequada ao que a rodeia que nos leva imediatamente de volta à

"realidade" da situação. Subitamente sinto que as quatro bordas do monitor onde ainda há minutos cliquei duas vezes no ícone para abrir o jogo também me enquadram a mim, esmagando-me contra o cenário observado.

Agorafobia é o medo de estar em situações ou espaços dos quais é difícil escapar, como multidões ou largos locais vazios.

Seis anos antes de Death Stranding, Ichiko Aoba lançava o seu quarto disco: "0". Com apenas uma guitarra, uma voz humana e várias vozes da natureza, a artista japonesa traz-nos dos limites do folk progressivo temas diversos, considerando a limitada paleta de sons que se apresentam durante a duração enganadora do projeto. Anteriormente, com um olhar superficial, concluí que a música era aconchegante, mas ao prestar mais atenção percebo, devido à maneira como a composição costuma abandonar as noções de tempo a que estamos acostumados, que o álbum que julguei confortável se torna desconhecido. Já presenciei obras que me pareciam alienígenas, mas desta vez sinto o alienígena em mim, a ouvir sons que não foram feitos para ser ouvidos desta única forma como nós sabemos ouvir. O disco proporciona uma experiência que apenas é linear devido à existência de uma barra de progresso delimitada por um princípio e um fim no vosso dispositivo de audição preferido. É tal como fazer uma caminhada

com alguém que ora se entusiasma e nos passa à frente, ora tropeça e se desanima, deixando-nos a nós ultrapassar, tudo isto sem nos dar nenhuma importância. Não é o ritmo variável da outra pessoa que provoca este sentimento de ansiedade, é a nossa inabilidade de mudar o compasso com que andamos. Os momentos mais lindos do álbum ouvem-se quando Aoba repara na nossa presença, tem piedade do nosso monótono vagar e caminha ao nosso lado. O resto é esparsamente sufocante.

"E por último lugar, diz-nos algo que ainda ninguém sabe sobre ti."

"Por muito tempo calcei sapatos de tamanho 43, desde que tinha 13 ou 14 anos... Agora que tenho 30, calço um 42. Demorou-me cerca de 15 anos para perceber que estava a usar sapatos demasiado grandes para mim."

Tiago Caldinhas

Sabias que o jornal Público tem disponíveis assinaturas gratuitas para estudantes do ensino superior? É verdade! Ao abrigo de um programa que visa a promoção da literacia mediática, o PSuperior, podes subscrever o jornal de forma totalmente gratuita. A assinatura permite que acedas a todo o conteúdo online, sem incluir um exemplar físico. Também é importante referir que o número de subscrições é limitado e cotado de acordo com a tua instituição de ensino. Tudo na página do Público. Não percas tempo!



Quinta-feira, vigésimo primeiro dia de novembro do corrente ano.

No mirífico jardim da Casa da Cerca em Almada, decidi desbravar o livro que me acompanhava. À nossa frente, o Tejo e, logo após, Lisboa. Com o ininterrupto som embalante dos carros percorrendo a ponte, repousei o olhar sobre as palavras de Luís de Sttau Monteiro. A obra: *Um Homem não Chora*.

Enquanto lia, o cenário alfacinha foi sendo nimbado de nevoeiro, obnubilando assim a panorâmica. A minha atenção manteve-se, todavia, na leitura. Quando finalizei o conto, notei que as páginas estavam tingidas de singelas gotas. Fechei o livro, e segui.

Neste dia, o céu chorou.

Eis, agora, a minha apreciação do livro:

Um Homem não Chora, de Luís de Sttau Monteiro, é obra de rara profundidade, que desnuda os alicerces da masculinidade tóxica e os anacronismos do sofrimento humano.

Situado numa sociedade

portuguesa tradicional, o conto explora com superbíssima mestria as amarras culturais que forjam personalidades emocionalmente contidas, aprisionadas pela rigidez das expectativas do meio.

A narrativa, carregada de ironia e sensibilidade, revela como os preceitos sociais corroem o imo, expondo a fragilidade por trás da fachada da força. Mais que uma crítica ao machismo, é uma ode à libertação da alma, à aceitação das lágrimas e à plenitude do ser humano.

Uma obra de irrefragável qualidade, que, com camadas inconsúteis e profundas, ecoa como rogo à compaixão e autenticidade.

Francisco Guerreiro da Silva
24 . XI . 2024

Poema dos Esquecidos

Quando me lembro dos que já lá vão,
É impossível não esgar um sorriso,
E um valente choro
Das memórias que eu tenho.

Boas, más.
Inconsequentes, basilares.

Todas as que lentamente se esquecem,
Mas que para sempre,
Connosco ficam.

Tudo o que é,
deixará de o ser.
Tudo o que foi,
deixará de ser lembrado.
Desintegrar-se-á em menos de pó
E mais silenciosamente
Que o tempo a passar.

Infelizmente, poucos são os que o reconhecem.
Infelizmente, poucos são os que conhecem,
Que a Morte e a Memória são duas faces da mesma moeda.
E ainda menos são os que se reconciliam com a moeda inteira.

Por Afonso Martins

“PIQUE” de Dora Morelenbaum

Por Matilde Capote

“Pique” álbum de estreia de Dora Morelenbaum, fresco, saiu a 18 de outubro, com os selos Coala Records e Mr. Bongo, chegou-me, não da forma mais intelectual ou glamorosa, mas antes através da base de algoritmo do Youtube.

O álbum é de árdua classificação, embebe diferentes estilos, com diferentes texturas, sem cair em

exageros ou no apetite pela comercialidade. Incorpora Música Popular Brasileira, junta Jazz, R&B, Funk, Soul (puro Groove anos 70), formando músicas ora mais ruidosas, ritmadas, dançáveis, Tropicalistas, cheias de bizarras sónicas, ora com uma sensibilidade da Bossa Nova, com grandes orquestrações sumarentas, mais delicadas. E ainda temos híbridos de todas estas paisagens sonoras. A voz de Dora adapta-se a estas variantes (ou a base musical adapta-se à sua voz), apresentando-se mais bruta/menos harmoniosa ou

mais fluída/melodiosa, lembrando Gal Costa. As letras, juntamente com as melodias, tudo em movimento contínuo acelerado e desacelerado, giram em torno do amor (ainda que inadvertidamente, de acordo com a cantora), abordam várias facetas e direções que se tomam, do engate em “Venha comigo”, ao enamoramento em “Petricor”, ao sentimento de ser uma alternativa em “Talvez”, à amargura em esquecer e resignação em “Não vou te esquecer” / “Nem te procurar”.
Sobre o percurso da artista,

tendo já uma queda intravenosa para a música (influência dos pais), já fez parte da banda Bala Desejo, que propagava um som mais explosivo, carnavalesco, próximo do Tropicalismo. A solo já lançou canções soltas - “João” e “Dó a Dó”, onde a voz escorre numa enchente orquestral, e o EP “Vento da Beirada”, um trabalho mais lânguido, de uma beleza mais límpida, em que cada música se vai maturando.

Agora, “Pique”, não é um projeto unipessoal, mas, antes uma colaboração com outros músicos, de nome próprio, na composição, nos coros, nos arranjos e na produção.

Figuram no álbum: Zé Ibarra (que assina algumas composições), Lucas Nunes, Julia Mestre (todos eles companheiros de Bala Desejo), Jacques e Paula Morelenbaum (veteranos da MPB), Guilherme Lirio, Luiz Otávio, Sophia Chablau, Tom Veloso (que assina cinco canções) e mais influentemente, quem produziu, Ana Frango Elétrico (uma das melhores artistas a sair do Brasil, de momento), que derramou a sua estética sonora por todo o álbum, havendo intercâmbios e diálogos entre as duas cantoras. Ademais, através destas parcerias, desta juventude integrante do álbum, juntamente com outros músicos (Tim Bernardes, Liana Flores, ...), assiste-se no Brasil, a uma regeneração orgânica da música. Usa-se a MPB, como veículo para novas criações, refundem-se fórmulas sonoras dos anos 60/70 (que emergiram da ditadura), que são só por si já

fundições de géneros e músicas de renovação. Assim, temos uma refundição de algo já fundido, em mãos de novatos (alguns destes mesmo descendentes sanguíneos dos iniciadores).

Regressando ao álbum (finalmente), dissecando-o nas suas 11 faixas, possivelmente de maneira algo deplorável (perdão), este inicia-se com “Não vou te esquecer”, que se difunde no espaço, calmamente, com guitarras cortadas, que marcam memórias, dores e decisões (sob a forma de resignações), e se adensa com trompetes e saxofones.

De seguida, “Venha comigo”, que marca a entrada num som mais Groove, terminando com uma distorção da música, em sintonia com a letra de amor despreocupado e na sequência “Sim, Não”, com um riff orelhudo e voz no tal registo mais bruto, sem rédea. “Essa confusão”, inaugura um contraste, penetramos numa balada, a letra, os arranjos violinistas e a voz melíflua, tudo aponta para tal.

Com “A melhor saída”, regressamos ao movimento, substituem-se os violinos, por acordes de guitarra soltos, mais percussão e uma melodia-padrão jocosa. “Caco”, surge ao estilo Tropicalista de Bala Desejo, acabando com uma sobreposição anelante de vozes e instrumentos.

Chegados a “VW Blue”, ficamos num intervalo Jazzístico com um Tom Jobim, uma Bossa Nova frenética, e só respiramos em “Petricor”, num clima tropical onírico romântico com aroma a

chuva (petricor), composta por uma melodia Jazz a cargo de vibrafones e pianos elétricos e Rhoades.

A sensibilidade melódica atravessa “Pique”, com flautas e saudade e fica mais vibrante em “Talvez”, para se superar ilusões. Encerra o álbum “Nem te procurar”, uma versão da canção de abertura, em que as dores iniciais são convertidas em aceitação, devido à concentração de todos os géneros musicais deste álbum, Soul, Funk, com Disco, e claro, MPB. E tudo se complementa.

Matilde Capote

Dora Morelenbaum esteve, no ano passado, por duas vezes em Portugal. Num primeiro momento, em maio (há cerca de um ano), passou por Matosinhos e pela BOTA, em Lisboa. Já em novembro, atuou no MusicBox, também na capital.

Ficam aqui alguns eventos que se darão em Lisboa pelo mês de maio, nos dois espaços mencionados:

Poesia na Bota (2^{as}, BOTA)
Alomorfia + Lesma (7/05, MusicBox)
Beatriz Pessoa (9/05, BOTA)
Ciclo de Cinema e Psicanálise
(21/05, BOTA)
André Henriques (29/05, MusicBox)
Girls 96 (31/05, MusicBox)

*Há sempre muita coisa a acontecer! A programação destes e de muitos outros espaços está disponível para pesquisa na internet. Ir a um concerto está para o estudo como uma meia de leite está para um pinheiro manso.
O quê?*

Pontos de Fuga

Por Fausto Nunes

Uns sapatos pretos pousados sob uma cómoda. Descansam, e aparentam ser somente um par de sapatos pousados repousantes por debaixo de uma cómoda. E os meus olhos demoram-se um pouco nos seus contornos, pacientes, contemplam-nos percecionando-lhes cada desvio, a cercadura. O meu olho recebe e processa a imagem, num qualquer processo químico-físico-biológico que desconheço mas que neste instante me deslumbra: daquele par de sapatos pretos emana a brutalidade da minha existência, prodigiosamente entrelaçada na luz e desta forma escancarada ante meus olhos, que cintilam, absorvem. Há cores e latitudes. Percebo que um sapato está à direita do outro, que do primeiro está à esquerda. Compreendo depois que foram assim dispostos porque alguém assim os descalçou, depois de os ter calçado. E o cérebro discerne. Alguém os descalçou e empurrou para debaixo da cómoda. Naquela imagem dos sapatos pretos ali retidos vislumbro subitamente transluzindo-se duas pernas que

Estarias interessado em comentar e discutir assuntos abordados na revista? Acho que podia ser mesmo porreiro. Faça-se acontecer!

lhes terão servido. A pessoa calça-os e sai de casa com pressa, arranca-os bruscamente do presente. Sai de casa e vai para o mundo. Leva-os pelas ruas fora, beija cada pedra da calçada no caminho. Vai a uma festa e dança. E os sapatos dançam com ela e quando ela chorar porque é humana os sapatos choram também porque são dela. E quando ela correr os sapatos correm com ela, ou atrás dela, ou à sua frente. E quando ela chegar a casa e os descalçar, quando os empurrar para debaixo da cómoda deixando um mais à esquerda e um mais à direita, e quando ela se for embora, quando ela deixar de ser. O que serão os sapatos?

Percebo que se aprofundaram na minha mente, e que a sua imagem tem relevo, brilho, volume. O que parecia estar a 3 metros, torneado mundo adentro, está-me infinitamente mais longe. E abriu-se, pelo caminho, uma outra realidade habitável.

Fausto Nunes

O Auditório Fernando Lopes Graça fica na praça S. João Batista, em Almada, enquanto espaço integrante do Fórum Romeu Correia. A oferta, geralmente de natureza cultural, é variada e abrange: sessões de cinema, espetáculos musicais ou de artes performativas, entre muitas outras coisas.

Destaco a programação de cinema, por norma não-comercial, sempre atual, com filmes premiados por festivais como os de Cannes, Veneza ou Berlin. São exibidos semanalmente, 4^{as} às 21h (embora haja, ocasionalmente, exceções). O bilhete jovem custa 1.5€. Compensa. E faz bem à alma.

Este mês de maio, além da programação habitual, o Auditório receberá a Festa do Cinema Italiano desde dia 6, até dia 10. Serão cinco dias e cinco filmes, para conhecer a sala (ou reencontrá-la), espreitar novos mundos, lugares diferentes. Em italiano.

Podes consultar as datas, os títulos a serem exibidos e todas as informações necessárias na internet. Também podes retirar uma das agendas de Almada disponíveis na biblioteca da FCT!

Sonhador Alienado

Por Afonso Martins

Tenho medo de apenas sonhar.
De viver sobrevivendo do que a vida me traz.
Tenho medo de ficar a ver passar
Os navios em direção ao mar

Cheios de sonhos...

Vazios de mim...

Por Afonso Martins

Ensinem-me a fazer uma revista!

Por Tiago Caldinhas

O sol põe-se sempre mais rápido do que se espera visto do topo do velho farol, mesmo para alguém que lá passa os dias e as noites já há mais tempo do que tempo há para contar. Sempre se instala o frio, inescapável quando se põe em prática a monótona e já aperfeiçoada tarefa de rodar a cúpula, sempre no sentido dos ponteiros, sempre sem passar pelo recorte de onde sai a luz da fogueira para que ela não nos empurre lá para baixo, sempre como o pai nos ensinou.

Ao voltar para o corcunda escritório, jaz na escrivaninha, iluminado por uma lâmpada cujo azeite já só vê fundo, uma única folha de papel, completamente vazia salvo um título, um título que é imediatamente reconhecido pelo leitor. Apesar de ser hábito, a rotação da cúpula é fisicamente exigente e o pai dizia sempre que trabalho e descanso andam de mãos dadas. Não seria hoje que a húmida tinta se faria sentir no rugoso papel, escrevendo frases de amor, tristeza, afeto, ódio, deleite, inveja, gozo, medo, paixão, solidão, prazer. Oh, como a mente faz com que ardente conhecimento flua irreparável pelos nervos, como eles dominam a mão, dela fazem uma submissa marioneta, que segura com firmeza a rígida mas frágil caneta, maneja-a, obediente aos nervos, a própria roça na folha, liberta a tinta que, com carícia, abraça o papel, envolve-o com a sabedoria de quem sabe pensar, beija-o com a mestria de quem sabe escrever -

não seria hoje.

Amanhã novamente o monótono trabalho: trabalho e descanso andam de mãos dadas. Depois, apesar de ser o começo do fim de semana, que traria uma menor afluência de barcos, esgotar-se-ia o azeite. Não se pode escrever sem ver o que é escrito, e a noite no farol é tão escura como em qualquer outro lugar. No dia seguinte comprar-se-ia o azeite, mas a única loja aberta naquele dia de semana fica a 7 quilómetros do farol. Antigamente seria um passeio, mas agora, não há pernas que aguentem. Faria questão de nos informar que nesse dia dava dezoito mil seiscentos e setenta e dois passos, era essa a razão pela qual não tocaria na caneta hoje, dezoito mil seiscentos e setenta e dois passos, metade para lá, metade para cá, para não falar de cada degrau que teria de subir e descer só para ir do escritório ao topo do farol e do topo do farol ao escritório, degraus esses cujo número total ele tem memorizado mas não os partilharia, guardando-os para o caso de ser questionado adicionalmente. Acabaria então o fim de semana, e voltaria a rotina a entrar em vigor. Trabalho e descanso. Trabalho e descanso. Trabalho e descanso. Trabalho e descanso. Trabalho e descanso. Fim de semana: acabar-se-ia o azeite. Daí a algum tempo, secaria a tinta.

Ensinem-me a fazer a revista.

O Arroz Caravela fora prometido para finais de janeiro.

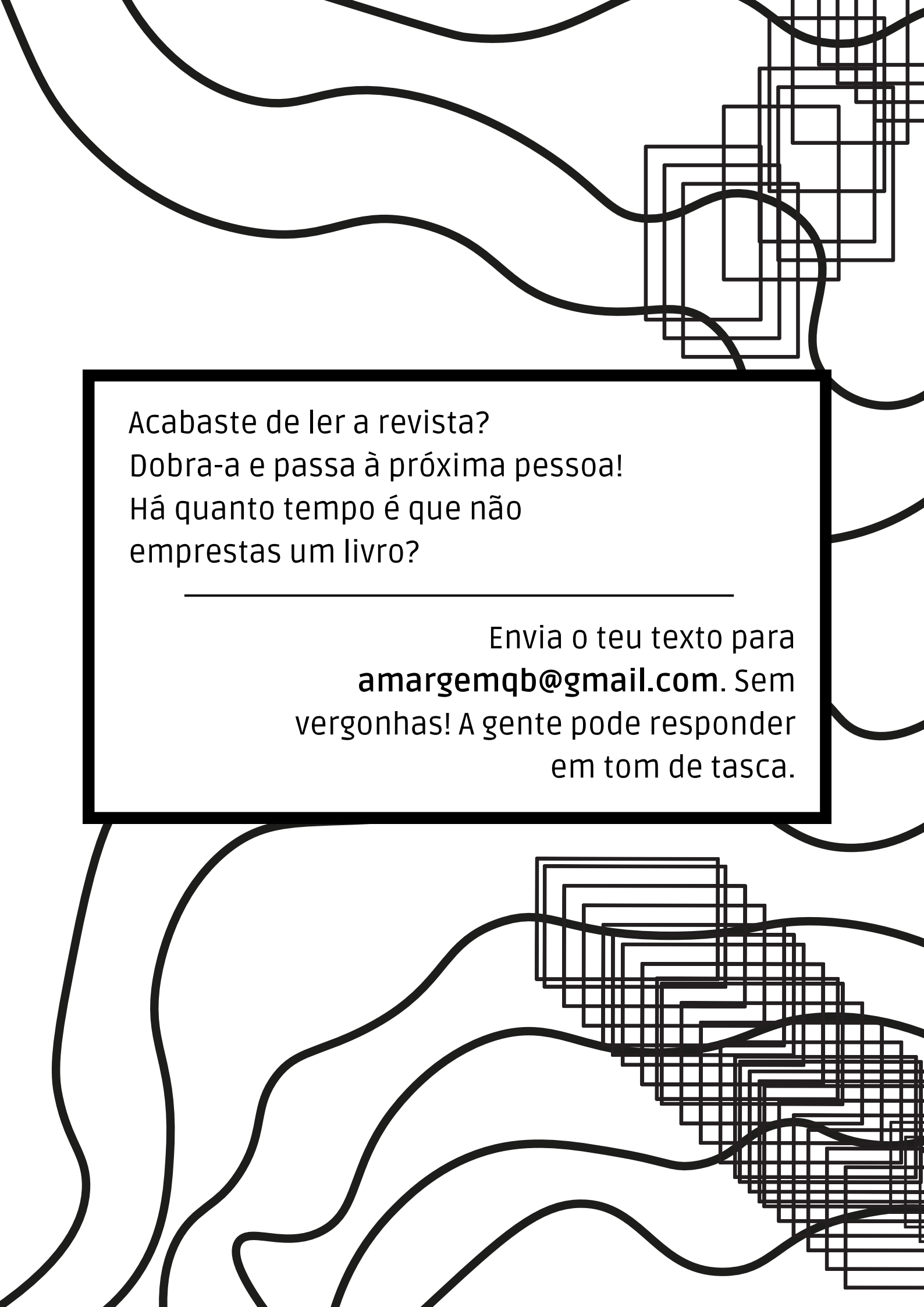
Trata-se de uma variedade de arroz carolino desenvolvida em Portugal ao longo das duas últimas décadas, e que após um longo processo de aprimoramento chegou finalmente ao mercado.

Portugal é um dos maiores consumidores e produtores de arroz na Europa. No entanto, os bagos obtidos em solo nacional requeriam a importação de sementes de países como a Itália ou a Espanha. Além do custo a elas associado, essas sementes não estavam otimamente adequadas aos solos e clima portugueses.

O Arroz Caravela vem, desta forma, colmatar alguns problemas existentes no setor, diminuindo custos de produção, fortalecido contra doenças e pragas, e também adaptada ao tipo de consumo feito pelos portugueses.

O Continente adquiriu os direitos de venda exclusiva desta nova e portuguesa variedade, pelo menos durante algum tempo. Enquanto isso, se quiseres comprar Caravela, vai à Fomega. Também há outros Continentes, não te preocupes.

E o preço também é agradável. Portanto vai buscar um pacote, faz um arrozinho malandro, e aproveita uma refeição diferente da piza suada que se compra no LIDL.



Acabaste de ler a revista?
Dobra-a e passa à próxima pessoa!
Há quanto tempo é que não
emprestas um livro?

Envia o teu texto para
amargemqb@gmail.com. Sem
vergonhas! A gente pode responder
em tom de tasca.

